

DOSSIÊ - ENTREVISTA



Maria Luiza Monteiro Sales Coroa/Divulgação

Prof.ª. Dr.ª. Maria Luiza Monteiro Sales Coroa

É graduada em Filosofia, Ciências e Letras pela Universidade Estadual de Londrina (1970), graduada em Letras Portugêses pela Universidade Estadual de Londrina (1970), mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília (1983) e doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília.

“É difícil dizer como a literatura influencia meu modo de ver o mundo. Seria mais fácil, talvez, dizer que sem literatura minha visão poderia ser mais míope e nublada para entender meu mundo.”

1. Bruna Paiva de Lucena (BPL) – “Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e de colheita, o tempo das águas e da secas. A garrafada para o mau da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra”. (Conceição Evaristo. Ponciá Vicêncio, 2003, p. 28). Nesse trecho, a personagem de Conceição Evaristo fala da (des)importância da leitura em sua vida. Como você se tornou uma leitora? Qual seu percurso como leitora? Se possível, cite obras e autoras/es que marcaram sua trajetória como leitora.

Maria Luiza Monteiro Sales Coroa - É difícil precisar um momento em que eu possa dizer que me tornei leitora... Fui me tornando na medida em que me sustentava sobre duas pernas, abria os olhos para o mundo e distinguia pessoas e coisas. Ler sempre esteve tão entranhado nos hábitos de família que não tenho consciência de algum motivo, o momento responsável pela prática. Acho, no entanto, importante destacar que esta imprecisão também está aliada ao próprio conceito de leitura: um ato consciente de abrir os olhos e “ver” sentido nas coisas. Este ato transcende o desenho das palavras escritas. Talvez por ter começado assim, nesse exercício de “ler”, minha atenção para os contextos tenha me levado – como pesquisadora – para teorias que transcendem a estrutura linguística. A rigor, acho que, para ser honesta, ainda não me tornei uma leitora – continuo no esforço de me tornar mais eficiente na leitura.

2. BPL – Anunciando a potencialidade da leitura na vida, Mário Quintana diz que “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam

as pessoas". Considerando isso, como a literatura influenciou na sua forma de ver o mundo, sua trajetória, formação e/ou atuação profissional? Se possível, cite o que você aprendeu, ou desaprendeu, com os livros que leu.

Maria Luiza - Creio que posso continuar na linha de raciocínio anterior... Tenho clareza de algumas influências da leitura, mas de outras, nem tanto. Tenho clareza, por exemplo, da grande carga de informações que me vem da leitura. Tenho clareza que as reflexões propostas por muitos teóricos que admiro influenciam meus modos de pensar e ver a vida. Mas tenho menos consciência de algumas influências que me tocaram diretamente a emoção e instigaram mudanças nos meus modos de comportamento, sem que eu consiga precisar como nem por que. Com certeza, Quintana tem razão! São as pessoas tocadas pela leitura que funcionam como o motor de ideias, conceitos, ideologias... É difícil dizer como a literatura influencia meu modo de ver o mundo. Seria mais fácil, talvez, dizer que sem literatura minha visão poderia ser mais míope e nublada para entender meu mundo.

3. BPL – Ler implica, muitas vezes, traçar similitudes e diferenças entre o lido, o observado e o vivido pelo/a leitor/a, sendo a experiência pessoal e afetiva com o texto um dos elementos levados em conta por escritores/as e formadores/as de leitores/as, seja na escrita ou escolha de um texto. Levando em conta isso, como você acha que a escola e o/a professor/a podem contribuir para a formação efetiva do/a estudante leitor/a?

Maria Luiza - Acredito fortemente no poder da escola para aproximar cada ser humano de suas experiências mais vivas. Mas a postura, tanto da escola enquanto instituição, quanto do(a) professor(a) enquanto agente de mudanças, é fundamental para a formação do ser humano e do leitor. Leitura não é apenas um tijolo de informações que se assenta no racional! Ler é permitir que novas experiências entrem por todos os poros, afetem todos os sentidos... Nossa escola tem uma tradição de objetivar e superficializar demais tudo que possa dizer respeito a sujeitos, identidades. E, conseqüentemente, transforma tudo em "cobrança" nas provas. Enquanto a leitura couber apenas nesse parâmetro, nessa medida redutora, não se pode chamar, de fato, "leitura". É apenas a decifração de letras e palavras que outra pessoa escolheu para pôr diante dos seus olhos. Só é possível "construir sentidos" em leitura quando o próprio sujeito é mobilizado em suas experiências – racionais ou sensíveis – para o tema que tem "traduzido" diante de si em letras e palavras. Não são as letras ou palavras os objetos

da leitura, mas as experiências, os sentidos, as vivências, as dores e os amores de outros seres humanos. Acho que nossa escola ocidental tem falhado muito nessa perspectiva de leitura. Mas não sou desesperançosa. Acho que, cada vez mais, as pessoas procuram dar sentido à leitura! A nossa contribuição mais efetiva será, seguindo Quintana, focalizar mais os leitores e suas experiências.

4. BPL – Como a Análise do Discurso pode fornecer um instrumental teórico-metodológico para a formação das/os professoras/es e para o ensino da língua? Qual é a importância da EAPE (Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação) como espaço de estímulo à formação de professoras/es leitoras/es e protagonistas de seus processos autorais?

Maria Luiza - Voltando à minha primeira resposta, acho que a opção por seguir uma determinada linha teórica tem muito a ver com o que se é e se quer na vida. Como referencial teórico, a Análise de Discurso Crítica (ADC) não desvincula a construção de sentidos, os aspectos ligados às estruturas linguísticas, das práticas que os produzem. Essa ligação simbiótica entre práticas linguísticas e práticas sociais permite construir aparatos teóricos que não fecham portas nem para um aspecto nem para outro. A ADC me fornece bases teóricas para considerar a língua não como mais um acessório do ser humana, mas como integrante da sua própria humanidade. Por isso, não desvincula a estrutura linguística, o vocabulário, a gramática, dos seus usos efetivos em várias instâncias da vida social. Trabalhar teoricamente a inserção prática dos sujeitos no seu discurso, e, vice versa, ao condicionamento discursivo dos sujeitos na sua ação social, é uma proposta de ADC que se coaduna perfeitamente com minha "leitura de mundo". Não preciso "mudar de traje" para ler o mundo ou fazer pesquisa: estou sempre adequadamente preparada! (Risos) Sou simultaneamente professora e pesquisadora... Simultaneamente usuária da língua e estudiosa...

A EAPE, pelo que eu conheço, pode legitimar experiências inovadoras de práticas docentes, mantendo o foco da continuidade e da responsabilidade exigidas na educação. O ofício de professor requer atualização constante, pois tanto nossos alunos quanto nossos materiais de trabalho estão em constante renovação. Uma instância oficial – como a EAPE – que faça dessa atualização e renovação seu foco é fundamental para pensar a educação como força viva! A integração entre tudo que trazemos de tradição com tudo que vivenciamos de inovação é a vida de que precisamos para crescer como seres humanos e como humanidade. ■